

DE FABRÍCIO BRANDÃO

CICLO

duas gotas bastam
para que tudo se dissolva
e em restos
petrifique as marcas gastas

dessa tua passagem
por aqui colhi certos frutos
ignotas contas
de cerzir o míope bordado

eu que sempre quis estar no mundo
hoje bebo do estranhamento
antigo costume de repetir

SONORA

Para Ildásio Tavares

Existem canções
A vida nunca mais acabará depois delas
Como num sopro as lembranças
Giram no apertado do vazio

Redime, escutar murmúrios
Esquecidos em meros artifícios

Viver em constante dúvida
Sem enfraquecer
Nem levar o acaso a sério

Quando a porta fechar
Que o canto fique impresso

VENTANIA

Erguer poeiras com os olhos
e depois acontecer na manhã do dia

Uma tez curtida em brasa
Agora é o idioma do tempo,
Companheiro ativo dos sopros

Nunca precisei de velas acesas
Para orientar o que sei de cor

A luz ainda balança as horas
Desse dia que nunca se despede
E eu, pequenino,
Danço em torno do vento

NUM CANTO DA TARDE

Esgotar a pilha de canções do poeinha,
Enquanto se espera alguém chegar.
Entre versos e planos,
É bom ter a cabeça apoiada no inverso da cama.
Os xamãs que percorrem o quarto
Incensam preces disfarçadas em poemas de amor.
A gente que anda por aqui agora
Faz companhia aos círculos de fogo acesos no chão da mente.
Ainda uma cidade de bons tons atravessando janelas.
Há cor no cheiro daquele que fica.

FABRÍCIO BRANDÃO (BAHIA) – Poeta e Editor. Graduiu-se em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Além de trabalhos ligados à publicidade, também desempenhou atividades relacionadas a cinema. É um dos editores da Revista Eletrônica Cultural Diversos Afins: www.diversosafins.com.br. Alguns de seus poemas fazem parte da coletânea Diálogos – Panorama da Nova Poesia Grapiúna (Via Litterarum/Editus – Ilhéus/Itabuna - 2010), já em sua segunda edição.